

A VARIEDADE TEXTUAL EM LIVROS DIDÁTICOS DE 7ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL

THE TEXTUAL VARIETY IN 7TH-GRADE COURSEBOOKS

Daíne Cavalcanti da Silva¹
Tânia Bueno do Prado²

SILVA, D. C; PRADO, T. B. A variedade textual em livros didáticos de 7ª série do ensino fundamental. **Akrópolis** Umuarama, v. 18, n. 1, p. 49-56, jan./mar. 2010.

RESUMO: Existem muitas discussões sobre como incentivar a leitura nas escolas. O livro didático tem sido, para muitos, o único acesso ao conhecimento, e, portanto, a inserção desse material nas escolas – principalmente públicas – tornou-se indispensável. Com o passar dos anos, os livros de Língua Portuguesa superaram o paradigma de letras, fonemas e frases descontextualizadas, dando lugar aos textos como base para o ensino. A mudança no padrão de tais livros exigiu uma diversidade textual. Assim, além de textos verbais, surgem os textos híbridos e os não-verbais. Nesse sentido, serão analisados aspectos como se há uma variedade de textos e qual a qualidade deles em livros didáticos de 7ª série do ensino fundamental aprovados pelo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) do ano de 2008.

PALAVRAS-CHAVE: Livro didático; Texto; Leitura.

¹Licenciada em Letras - Unipar/Cascavel.
E-mail: daíne_@hotmail.com

²Mestre em Comunicação e Semiótica, professora da Unipar em Cascavel. E-mail: tania@unipar.br

ABSTRACT: There are many discussions concerning how to motivate reading at schools. The coursebook has been, to many, the only approach to knowledge, and, therefore, its insertion in schools – mainly the public ones – has become essential. After years, the books of Portuguese Language, overcame the paradigm of letters, phonemes and phrases without context, giving place to texts as a basis for teaching. The change in the standard of such books demanded a textual variety. Therefore, hybrid and the non-verbal texts have come alongside the verbal ones. In this sense, some aspects will be analyzed such as whether there is a selection of texts and what their quality is in 7th-grade coursebooks approved by PNLD (*Programa Nacional do Livro Didático*) in 2008.

KEYWORDS: Coursebook. Text. Reading.

Recebido em novembro/2009
Aceito em fevereiro/2010

INTRODUÇÃO

“Um livro aberto é um cérebro que fala.
Fechado, um amigo que espera.
Esquecido, uma alma que perdoa.
Destruído, um coração que chora”
(Voltaire)

Os livros didáticos (LD) são temas constantes de críticas e debates e é comum encontrarmos diversas análises que apontam características encontradas em determinado autor ou coleção. O que muitos críticos sobre o assunto parecem ignorar é que ao falar em livro didático deve-se entender que, para muitos alunos das escolas públicas brasileiras, ele é a única forma de acesso ao conhecimento, posto que muitos não possuem condições financeiras para a aquisição de outros livros e também não estão inseridos em um meio social e familiar que os leve a ter gosto pela leitura e conseqüentemente, outros conhecimentos. Tal afirmação pode ser confirmada abaixo.

Só fala de livros quem tem a intimidade de ter nascido em meio a eles. Os que falam de livros, leituras e de escolas, falam com a vontade de quem pertence à classe que se aposa de livros, de leitura e de escrita desde o berço (LAJOLO, 2002, p. 60).

Dentre as críticas e as análises, deparamo-nos com duas visões distintas: há aqueles que o defendem por ser um importante instrumento de apoio ao professor e aqueles que o criticam por acreditarem na sua má qualidade. É importante ressaltar que, muitas vezes, as análises encontradas apontam apenas para pontos negativos, não considerando que o trabalho do livro didático inclui a capacidade do professor de utilizá-lo da melhor maneira possível e a do aluno em saber usufruir daquilo que o livro didático apresenta.

Diante disso, tem-se buscado forma de apresentá-lo e o mercado editor tem exigido cada vez mais de autores para que estes produzam livros que tenham uma melhor aceitação no mercado, para tanto, o livro didático, ao longo dos anos, tem passado por diversas transformações com o intuito de acompanhar as mudanças ocorridas.

No caso dos LDs de Língua Portuguesa, uma das mudanças mais perceptíveis que supere a deficiência já citada é o fato de que letras,

fonemas e frases descontextualizadas deixaram de ser a base para o ensino da língua materna, já que elas deram lugar aos textos que tornaram o ensino gramatical contextualizado e mais interligado à leitura. Como cita Fecchio (2007, p.39)

Lajolo (1991, 51-62) discute o mau uso que muitos professores fazem dos textos porque, ao invés de serem utilizados como elementos de suporte para discussões, formações de idéias, tomadas de posições, muitas vezes são fragmentadas em frases e/ou palavras para exercitar a habilidade de montar, desmontar, classificar definir categorias que muitas vezes não permitem um progresso superior, mas levam o aluno a uma ação mecânica de completar, dividir, marcar, enumerar, entre outros.

Assim, os padrões passaram a ser mudados e uma diversidade de gêneros textuais tornou-se importante quesito para qualificar um livro didático. De acordo com o PNLD *apud* GADA (2004, p. 46) “os tipos de textos selecionados para o livro didático devem ser os mais diversos e variáveis possíveis”.

A diversidade de gêneros nos LDs tende a não só contextualizar o ensino da gramática, mas também a atrair alunos para a leitura, que com tal diversidade, não será carregada apenas de textos verbais, mas também textos híbridos – verbais e não-verbais – e textos não-verbais.

Além da diversidade de gêneros, também se deve analisar o conteúdo dos textos e sua adequação à série/idade dos alunos a qual o material é direcionado, levando sempre em consideração que, apesar de o LD ser a base de ensino para a maioria dos professores, ele deve ser estudado e readequado pelo docente conforme as necessidades dos alunos.

OBJETIVOS

Este trabalho busca analisar o livro didático quanto a sua função na sala de aula e a importância desse material para alunos e professores. Tem-se visto nos últimos anos que a inserção de textos como base para o ensino da gramática ou qualquer outro assunto tem se tornado cada vez mais comum. Além disso, a interpretação de texto tem superado as histórias conhecidas por todos, dando lugar a artigos de jornais, textos científicos e textos não-verbais, que também deixaram de ser simples histórias

em quadrinhos que tinham o simples intuito de tornar o livro atrativo para os discentes. Hoje, encontram-se nos LDs obras de arte, fotografias, propagandas entre outros textos que antes eram acessíveis a uma pequena elite da população. Neste trabalho dentre a série de assuntos que podem ser tema de críticas ou análises serão avaliadas a variedade e a qualidade dos textos presente em LDs de 7ª série do ensino fundamental, a presença ou não de textos não-verbais e o uso de tais textos, seja para a interpretação ou como meio de ensino para outros temas.

METODOLOGIA

À medida que os livros didáticos foram evoluindo, as críticas a eles foram se renovando, ora positiva, ora negativamente. Sendo assim, como base teórica deste trabalho, foram lidas e avaliadas as opiniões de diversos autores acerca do tema, buscando-se entender a evolução quanto aos textos dos livros didáticos, a diversidade de estilos textuais e a forma como são apresentados. A partir dessa fundamentação teórica foi feita a análise de três livros didáticos da 7ª série, todos da editora Moderna aprovados pelo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) de 2008. As obras escolhidas para a análise foram: Português: leitura, produção, gramática – de Leila Lauer Sarmiento; Projeto Araribá: Português - obra coletiva; e Português: uma proposta para o letramento – de Magda Soares. Dessas obras buscou-se saber se há uma variedade de estilos textuais, verificando-se a presença de textos não-verbais e se há interpretação textual a partir desses textos e de que forma ela é feita.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao falarmos sobre sala de aula tem-se comumente a idéia do professor, como único emissor, e do aluno como constante receptor. Porém, apesar de essa ser uma realidade comum ao ensinar, o professor possui auxiliares que também são emissores, e o principal deles – o livro didático, muitas vezes passa da condição de auxiliar e assume o papel principal. Isso acontece quando o docente deixa de analisar e adequar o conteúdo dos livros didáticos e passa a segui-lo como um manual de instruções.

Sem dúvida alguma o livro didático é um excelente material de apoio que deve ser usado com moderação e adaptações, como cita Freitag

(1997, p.128): “defensores e críticos, políticos e cientistas, professores e alunos são unânimes em relação ao livro didático: ele deixa muito a desejar, mas é indispensável em sala de aula”. Com a distribuição de livros didáticos pelo governo federal, o material tornou-se cada vez mais elaborado, uma vez que, as editoras passaram a ter a certeza de que materiais que satisfizessem as expectativas de professores e alunos, e acompanhassem as inovações - seriam aprovados pelo PNLD e conseqüentemente, tiveram lucro garantido.

Buscando agradar a todos e adequar a algumas exigências impostas, a diversidade textual e exercícios mais elaborados com base no texto passaram a fazer parte dos livros didáticos. Foi a partir de exigências como as do PNLD e a mudança no comportamento de jovens e adolescentes que sempre buscam pelo novo que novos textos surgiram nos LDs de Língua Portuguesa.

Visão geral sobre os livros analisados

Para o bom desenvolvimento deste trabalho é pertinente que se mostre como cada livro é organizado em relação à divisão e à apresentação dos conteúdos. Assim, denomina-se o livro de Sarmiento como sendo o livro A (figura 1), o Projeto Araribá sendo B (figura 2) e o livro de Magda Soares como C (figura 3).

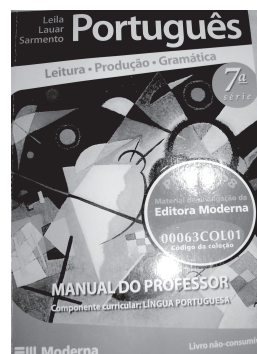


FIGURA 1 – Capa do livro A

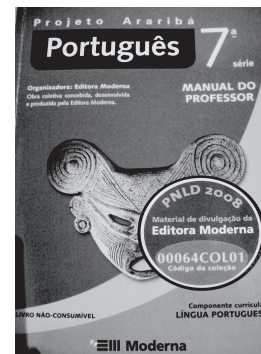


FIGURA 2 – Capa do livro B

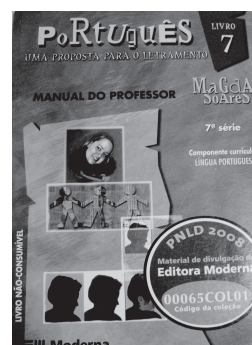


FIGURA 3 – Capa do livro C

O livro A é dividido em unidades, cada uma composta por dois capítulos que possuem temas determinados a partir dos textos trabalhados. Esse livro em sua apresentação diz que “a aprendizagem constitui um dos prazeres da vida”. De acordo com a apresentação, o livro “ênfatisa a leitura e a interpretação de textos, que muitas vezes são textos não-verbais”. De fato, na abertura de cada unidade há um texto não-verbal denominado pela autora de “texto visual” que é trabalhado por exercícios reunidos sob o título de leitura da imagem. Analisando o primeiro capítulo deste livro encontra-se a diversidade textual sugerida no PNLD. Com o tema adolescência, a partir de crônicas, artigos de jornais e revistas, poemas, entre outros. O texto não-verbal também é trabalhado no início de cada capítulo pela autora, com questões de interpretação.

O livro B é dividido em unidades e na abertura de cada uma delas encontra-se um texto não-verbal, denominado de “chave da unidade” que são obras de arte, fotografias, cenas de filmes, entre outros. O livro do Projeto Araribá se sobressai dado ao fato que quase todos os textos, por menores que sejam, apresentam a biografia do autor e também um glossário, que não havia no livro de Sarmento. Outro aspecto a destacar é que existe uma intertextualidade entre os textos do capítulo que deixa uma sensação de continuidade dos assuntos e desenvolve a capacidade do aluno de comparar e analisar diferentes estilos textuais sobre o mesmo tema. Nesse livro, assim como no livro “A”, a variedade de tipologias textuais também é encontrada e o mesmo tema é trabalhado a partir de poemas, contos, trechos de livros, reportagens e outros estilos. A diferença entre esses dois materiais é que o livro “B” apresenta muitos textos entre os exercícios, diferente de Sarmento, que apresenta o texto e posteriormente propõe atividades. O método de apresentação e distribuição do conteúdo ao longo das unidades - como foi feito pelo projeto Araribá - faz com que os discentes não encontrem o livro tão sobrecarregado de uma sequência de textos, tornando a leitura e o aprendizado menos cansativo.

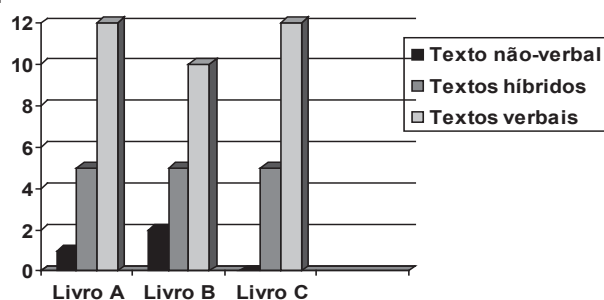
Magda Soares divide o LD em quatro unidades e não há divisão de capítulos. Esse livro apresenta um sumário diferente dos demais, pois não há a discriminação dos assuntos a serem trabalhados, tem-se apenas o título de cada texto, o que dificulta a localização de conteúdos

para professores e alunos. Assim como o Projeto Araribá, Soares também apresenta algumas biografias dos autores do texto. Na primeira unidade, é possível encontrar algumas imagens, que dão a impressão de que o livro possui muitos textos não-verbais, mas, para o desenvolvimento deste trabalho, será considerado como texto não-verbal as imagens que transmitem uma mensagem a ser interpretada, desconsiderando portanto, imagens como um livro para representar a leitura, ou a foto de determinado cantor para explicar um estilo musical – por exemplo. Sendo assim, muitas das imagens presentes neste LD têm a função de chamar a atenção dos estudantes e tornar o livro mais atraente, quando deveria proporcionar aos alunos a oportunidade de realizar análises mais profundas.

Análise quantitativa dos textos nos livros didáticos

Ao comparar a quantidade de textos no primeiro capítulo/unidade de cada livro pode-se encontrar um número parecido de textos. Nos livros A e B, foi analisado o primeiro capítulo o que resultou em dezoito e dezessete textos, respectivamente. Já em C, foi analisada a primeira unidade que possui dezessete textos. No gráfico 1 pode-se ver a variedade de estilos textuais em cada livro.

Gráfico 1. Quantidade de texto no primeiro capítulo/unidade dos livros didáticos analisados.



Embora textos não-verbais já apareçam nos LDs de Língua Portuguesa, sua presença ainda é tímida ou inexistente como na primeira unidade do livro de Magda Soares. No gráfico 1 pode-se perceber que os livros A e B apresentam apenas 1 e 2 textos não-verbais, respectivamente. Porém, as questões propostas a partir deles são muito coerentes e cumprem o que se espera em, uma interpretação de textos, análise do conteúdo apresentado e também possíveis inferências e intertextualidades que o autor do

texto pode apresentar.

O texto não-verbal e a interpretação textual

Uma pintura, uma letra de música, um poema e uma escultura são todos textos, uma vez que tudo aquilo que comunica algo, ainda que não seja por meio da linguagem verbal é um texto, sendo assim, são passíveis de uma avaliação dentro dos LDs.

Embora haja textos não-verbais nos livros didáticos, isso não garante a qualidade de interpretação de tais textos. Como dito anteriormente, os autores em busca de tornar os LDs prazerosos aos olhos do discente, acrescentam inúmeras figuras meramente ilustrativas criando “falsos textos não-verbais”, que não são o objeto de estudo do presente artigo.

Visto que foi feita uma análise quantitativa da primeira unidade de cada livro didático será então usada a segunda unidade de cada livro. Dentro de cada LD serão averiguados os seguintes itens:

- Existem elementos pré-textuais que ajudem na interpretação do texto?
- Todos os textos apresentam a biografia do autor?
- Há alguma retratação sobre a época/circunstância ou outro dado que leve o aluno a ter uma maior compreensão sobre a obra?
- A obra escolhida condiz ao tema da unidade? Faz intertextualidade com os demais textos?
- As questões de interpretação são aprofundadas? Correspondem ao nível de conhecimento do aluno? Dão dicas do que analisar?

Para uma primeira análise, o livro A apresenta na unidade “Tecnologia, sociedade e consumo” o texto *Saindo da fábrica* de Laurence Stephen Lowry. Figura 4.

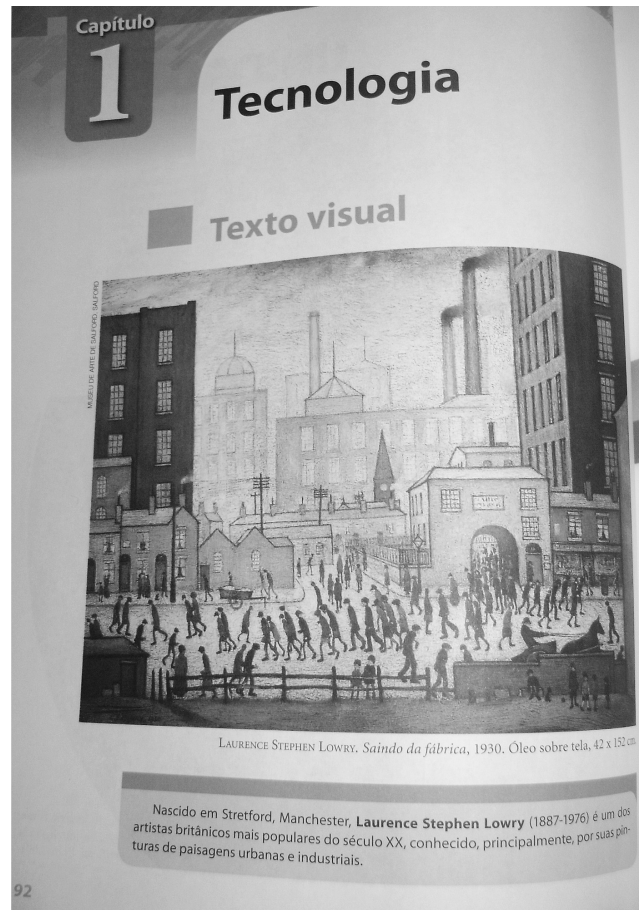


FIGURA 4. Texto *Saindo da fábrica* de Laurence Stephen Lowry

Esse texto é uma tela de um pintor inglês e apresenta um rodapé com os dados básicos como autor, ano, e medidas. Sarmiento não apresenta nenhum elemento pré-textual para a pintura. A importância de apresentação em elementos pré-textuais está no fato de aumentar o conhecimento de mundo do aluno, permitindo que ele tenha um conhecimento de mundo mais amplo e conseqüentemente facilitando a interpretação. O mesmo acontece com elementos pós-textuais que também não são encontrados em lugar específico, pois eles têm a mesma função que os pré-textuais e auxiliariam nos exercícios seguintes. Porém, vale ressaltar que as questões propostas apresentam detalhes sobre a obra, autor e contexto histórico em que foi criada. O interessante nessa figura em relação à unidade é o fato de muitas vezes o adolescente, público alvo desta série, estar tão acostumado a associar a tecnologia única e exclusivamente à internet, assim este texto pode surpreendê-lo com o fato de ter operários saindo de uma fábrica para representar o avanço tecnológico. Outro ponto a destacar é a intertextualidade da época

em que o texto foi criado com a realidade do século XXI. A autora questiona o aluno sobre as mudanças em relação à época em que estamos e as consequências dos atos daquela data. Com questões como: “compare a situação atual das grandes fábricas com a época retratada por Lowry: o que a automação, trazida pela renovação tecnológica, provocou em relação ao trabalho das pessoas?” (SARMENTO, 2006, p.92).

No livro B, o texto a ser analisado é também uma obra de arte, o quadro “*As meninas*” figura 5, de Diego Velázquez.



FIGURA 5. Texto “*As meninas*” de Diego Velázquez.

Assim como no livro A, esse livro também não apresenta elementos pré-textuais, mas tem-se um quadro que explica o contexto e alguns detalhes da obra que auxiliarão na compreensão. Tal quadro é encontrado em quase todos os textos não-verbais ao longo do LD, ora citando detalhes sobre o texto, ora sobre o autor, ora curiosidades, enfim, há sempre algo que possa servir como fundamento para uma análise mais apurada. A unidade na qual se apresenta o texto “*As meninas*” tem como título “Ponto de vista” o que está diretamente relacionado com a obra

escolhida e as questões de interpretação propostas. O texto de Diego Velázquez dá margem a diversas interpretações que são sugeridas no decorrer das questões, o que favorece o aluno que pode não ter a maturidade para reconhecer todos os pontos de vista do texto, ou ainda, para provocar um bom debate a partir do conflito de ideias em sala de aula, posto que o livro propõe ao professor que a imagem seja debatida oralmente.

Nessa unidade, os textos estão todos interligados, e, em sua maioria, apresentam opiniões diferentes para o mesmo assunto. Respeitando a temática do “ponto de vista”, é interessante observar a variedade da tipologia textual em que os textos se apresentam, pois são muitas leituras propostas, porém não parecem ser tão cansativas, dado o fato de serem estilos diferentes.

Apesar de ser uma excelente obra para análise, o texto exigirá muito do docente que deverá conhecer e entender todas as possibilidades de interpretação para que consiga atender a todos os alunos, que por sua vez, se não estiverem habituados com a leitura de textos não-verbais ou obras de artes – que não são muito comuns aos alunos das escolas públicas, devido à falta de recursos e incentivos – poderão sentir certa dificuldade. Nesse sentido, seria interessante que a obra fosse estudada depois que eles já tivessem o contato com outros textos, tendo uma leitura com níveis de dificuldade gradativos. Embora o texto exija um grau de leitura mais elevado e o professor tenha a autonomia para decidir como e quando trabalhá-lo é importante ressaltar que as questões dão dicas que favorecem a compreensão, como já foi dito, e também que são bem aprofundadas – talvez mais que o adequado - dado o conhecimento prévio que se espera de um aluno de treze anos, faixa etária correspondente à série.

Dado o escasso número de textos não-verbais no livro C, o texto para análise será um cartaz produzido por Elifas Andreato, texto híbrido que trata sobre gênero e raça, figura 6. A interpretação proposta se restringe à oralidade. O tema título da unidade é *Diferentes, mas iguais*, dentre os livros analisados este é o menos correspondente positivamente às questões levantadas anteriormente, já que não apresenta biografia do autor, não há elementos pré-textuais ou pós-textuais que auxiliem na compreensão do texto e também não há explicações sobre o

contexto da imagem, e, dos quesitos analisados, apenas a relação com os demais temas é encontrado na análise. Vale ainda ressaltar que o nível dos exercícios propostos, se comparados aos livros A e B, encontra-se bem abaixo, pois são questões que não exigem uma análise mais profunda por parte do discente. Neste e em outros textos pode-se perceber o frequente uso de questões como: “o que vocês supõem”, “o que vocês acham”, exercícios que limitam para o enriquecimento e aprimoramento da leitura de textos não-verbais.

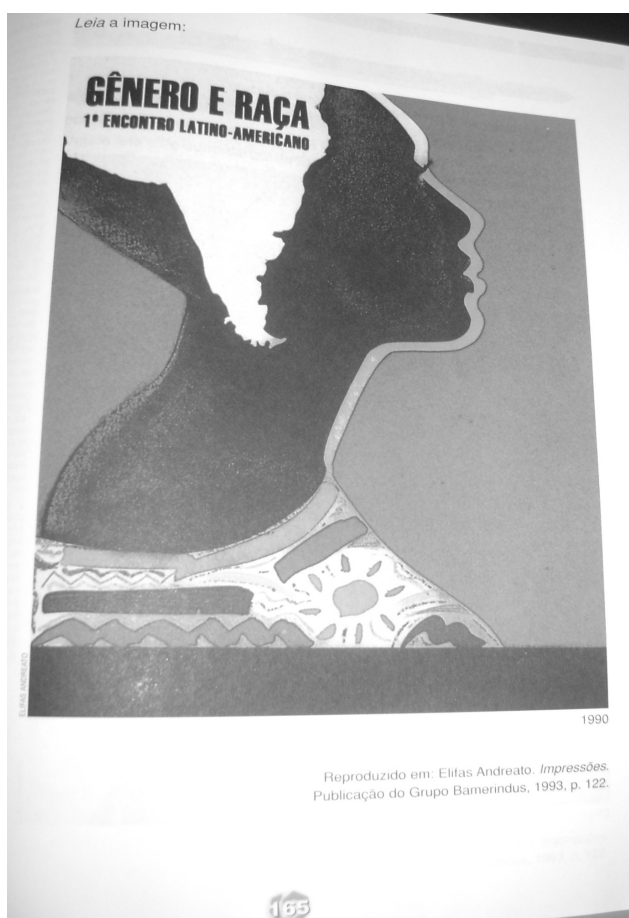


FIGURA 6. *Impressões* de Elifas Andreato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscar o trabalho com textos não-verbais nos LDs a pouca quantidade deles dificulta uma análise mais aprofundada. Além do fator quantidade, as pesquisas nesta área que serviriam como embasamento teórico ainda são escassas.

Tal escassez é um dos fatores que podem influenciar os autores no momento da elaboração dos livros didáticos, posto que muitos, apesar de saberem da utilidade e da necessidade

de adequação do material, muitas vezes não sabem a melhor forma de expor o texto não-verbal ao aluno. Como foi dito, a tentativa de inserção de tais textos muitas vezes resulta em imagens ilustrativas, sem nenhum valor interpretativo, ou ainda o uso de textos que não exigem do discente um conhecimento prévio de mundo ou um olhar mais crítico. Há ainda os bons textos, que possibilitam um leque de análises, que por sua vez devem ser bem dirigidos para que haja êxito no trabalho com o texto não-verbal.

Na análise dos livros A, B e C, fica claro que alguns pontos como a inclusão de elementos pré-textuais e pós-textuais que auxiliem na compreensão do texto é necessária a todos e que o aumento na inserção de textos visuais também auxiliará e acostumará o aluno a ler cada vez mais. Mas deve-se ressaltar que, apesar das lacunas deixadas, os livros A e B apresentam de forma bem mais elaborada os textos e que se comparado ao livro C, eles não deixam a desejar.

Com as constantes mudanças no setor da educação espera-se que os textos não-verbais deixem de ser elitizados, que possam ser encontrados em todos os lugares e serem compreendidos por todos, assim, é papel da escola inserir o hábito dessa leitura, e o livro didático como mediador entre docentes e alunos deve cumprir tal papel da melhor maneira.

REFERÊNCIAS

- FECCHIO, M. **O livro didático e a formação do leitor**. Akrópolis, Umuarama, v. 15, n. 1-2, p. 387-43, jan./jun. 2007.
- FREITAG, B. et. al. **O livro didático em questão**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997. v. 3.
- GADA, A. L. C. A letra de música no livro didático de língua portuguesa. **Mathésis, Revista da Educação**, Jandaia do Sul: Fafijan. v. 5, n.1, p. 43-64, jan./jun. 2004.
- LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- PEREZ, J. R. R. **Lição de português: tradição e modernidade no livro escolar**. São Paulo: Cortez, 1991.
- PROJETO Araribá: português 7ª série (manual do

SILVA, D. C.; PRADO, T. B. A.

professor). São Paulo: Moderna, 2006.

SARMENTO, L. L. **Português**: leitura, produção, gramática. São Paulo: Moderna, 2006.

SOARES, M. **Português**: uma proposta para o letramento. São Paulo: Moderna, 2002.

LA VARIEDAD TEXTUAL EN LIBROS DIDÁCTICOS DEL 7º GRADO DE LA ENSEÑANZA PRIMARIA

RESUMEN: Hay muchas discusiones sobre cómo incentivar la lectura en las escuelas. El libro didáctico ha sido, para muchos, el único acceso al conocimiento, y, por lo tanto, la inclusión de ese material en las escuelas – sobre todo escuela pública – se ha convertido indispensable. A lo largo de los años, los libros de Lengua Portuguesa superaron el paradigma de letras, fonemas y frases descontextualizadas, dando lugar a textos como base para la enseñanza. El cambio en el estándar de tales libros exigió una diversidad textual. Así, además de textos verbales, surgen los textos híbridos y no verbales. En ese sentido, se analizarán aspectos como: si hay una variedad de textos y cuál la calidad de ellos en los libros didácticos para el aprendizaje del 7º grado de la enseñanza primaria, aprobados por PNLD (Programa Nacional del Libro Didáctico) del año de 2008.

PALABRAS CLAVE: Libro didáctico; Texto; Lectura.